

# A Existência do Deus Triúno

Dennis Nenadov

Tradução de Marcelo Herberts

## Prefácio

O artigo a seguir, intitulado *A Existência do Deus Triúno*, é um diálogo imaginário entre um cristão e um ateu. A intenção não é de que seja um diálogo realista. Quem dera todas as conversas com não-cristãos fossem assim tranquilas! Uma conversa real seria muito diferente. A interação seria muito maior e haveria muito mais perguntas do outro lado. O diálogo é unilateral por uma razão. A intenção primária é ensinar ao leitor cristão princípios para defesa da fé empregando o que tem sido chamado de método *Pressuposicional Transcendental*. Iniciei o estudo desse método com base nos escritos e/ou ensaios de Cornelius Van Til, Greg Bahnsen, Michael Butler e Richard Pratt. Estou convencido de que o método *pressuposicionalista*, algumas vezes chamado “apologética das cosmovisões” é um método poderoso no desafio ao incrédulo. Este artigo foi escrito para que eu possa reter alguns dos princípios de defesa da fé que tenho estudado pela leitura e escuta dos autores e professores supracitados. Em adição, espero que ele possa beneficiar outros cristãos introduzindo-os no método bíblico de defesa da fé cristã.

As notas de rodapé são extensivas e talvez seja preferível passar por cima delas numa primeira leitura. Elas pretendem adicionar comentários suplementares ao diálogo. As notas de rodapé são um “diálogo secreto” entre o escritor e o leitor cristão, explicando mais além o que está acontecendo no diálogo com o ateu. São principalmente citações de apologistas cristãos. Eu sugiro ao leitor que inicialmente percorra todo o artigo ignorando as notas. Então volte e estude essas notas. Muitas das perguntas que podem surgir serão consideradas nas notas de rodapé.

Embora este artigo tenha como propósito inicial ensinar a cristãos um método para defesa da fé e dar noções sobre como debater com incrédulos, eu daria boas-vindas e encorajaria aqueles que não crêem no Deus Triúno da Bíblia a ler com seriedade e considerar o desafio cristão ao incrédulo que segue abaixo. É minha convicção que a vida e a cosmovisão cristãs são a única posição que não se mostra contraditória ao se tratar da experiência humana.

O método de defesa da fé que segue não é muito complicado. O argumento principal pode ser resumido em uma ou duas sentenças. No entanto, esse método requer do cristão uma reflexão sobre muitas coisas que tomamos por certo nesta vida. Por sua vez o cristão precisa pacientemente desafiar o seu oponente a refletir também sobre essas questões. Essa não é sempre uma tarefa fácil. Há muitas coisas nessa vida que nós simplesmente assumimos sem questionar nos seus fundamentos. A defesa da fé implica num escrutínio de algumas das questões difíceis na vida em que incrédulos (e mesmo cristãos) normalmente não desejam refletir. O cristão precisa conhecer bem a sua Bíblia para que possa entender e articular a cosmovisão cristã; e ele também precisa ter algum conhecimento das cosmovisões incrédulas. Trata-se de um estudo de toda uma vida. Uma

defesa efetiva da fé requer que o cristão seja conhecedor de questões importantes relacionadas à apologética e que também seja um estudante do pensamento crítico.

Ainda mais importante do que o método de defesa da fé é a atitude do cristão nessa defesa. Ações freqüentemente falam mais alto que palavras, e mesmo os incrédulos podem sentir o poder de uma vida cristã consistente. O amor que os cristãos têm pelo seu Salvador, um pelo outro, e por aqueles sem esperança neste mundo, é a melhor defesa da posição cristã.

Dennis Nenadov  
14 de Janeiro, 2004

## A Existência do Deus Triúno

Você me perguntou “Que prova você tem da existência de Deus?” Estou feliz que tenha feito essa pergunta. Não há questão que eu julgue mais importante. É minha convicção que há provas esmagadoras para a existência de Deus. Quando eu falo a respeito de Deus, estou me referindo exclusivamente ao Deus do Cristianismo que Se revelou nas páginas do Antigo e do Novo Testamento – a Bíblia. Eu não creio na existência de algum outro “Deus”. Eu não argumento pelo teísmo (a crença em Deus) de modo geral; eu argumento pela existência do Deus triúno das Escrituras que fala com autoridade tanto no universo criado como em Sua Palavra. O teísmo cristão ensina que Deus é eterno, pessoal, absoluto, independente, auto-refreado e autônomo. Como ensina a resposta do catecismo, “Deus é um espírito, infinito, eterno e imutável em Seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade”.<sup>1</sup> Aqueles que crêem nesse Deus podem ter certeza absoluta de que ele existe. No entanto, a prova que irei lhe apresentar é um pouco diferente daquela que você mui provavelmente está esperando. Deixe-me explicar.

Uma vez que você professa não crer na existência de Deus, eu não posso dar qualquer prova *direta* para a existência de Deus que seja *aceitável* a você. A razão para isso é que você já está comprometido ao princípio da independência de Deus.<sup>2</sup> Você crê que pela sua própria razão é devidamente capaz de julgar a evidência para a existência de Deus.<sup>3</sup> Eu não concordo com você nesse ponto, e essa é a diferença básica entre a posição cristã e a não-cristã. A posição cristã diz que porque Deus criou e sustenta este universo, é

<sup>1</sup> Resposta #1, *The Shorter Catechism*, The Standards of the Associate Reformed Presbyterian Church, 2000, pg. 143.

<sup>2</sup> O incrédulo está comprometido ao princípio da independência de Deus. Ele definiu a si mesmo como o ponto referencial último de interpretação. Van Til escreve “O homem fez a si mesmo um falso ideal de conhecimento, o ideal da compreensão não-derivativa absoluta. Isso ele nunca poderia ter feito se continuasse admitindo ser uma simples criatura. É totalmente inconsistente com o conceito de criatura o homem labutar por um conhecimento abrangente; se isso pudesse ser alcançado, eliminaria Deus da existência; o homem então seria Deus”. Cornelius Van Til, *Christian Apologetics*, P&R, 1976, pg. 16

<sup>3</sup> “Porque a sua própria ultimidade é a pressuposição mais básica de toda a sua filosofia. É sobre essa pressuposição, enquanto seu sustentáculo, que ele emprega a lei da contradição. Se ele é exortado a empregar a sua razão como o árbitro da credibilidade da revelação divina sem ao mesmo tempo ser exortado a renunciar à percepção de si mesmo como último, então ele é virtualmente exortado a crer e descrever em sua própria ultimidade, ao mesmo tempo e no mesmo sentido” Cornelius Van Til, *Christian Apologetics*, P&R, 1976, pg. 50.

impossível raciocinar corretamente sem pressupô-Lo. <sup>4</sup> Deus criou todas as coisas; portanto tentar usar algum fato para refutar Deus é como uma pequena criança esbofetear seu pai no rosto. A criança só pode bater no rosto do seu pai porque ele a está mantendo próxima da sua face. <sup>5</sup> A posição não-cristã diz que o homem por si só (ou a humanidade, coletivamente) é capaz de raciocinar de forma adequada sem alusão a Deus. Se eu tentasse lhe dar provas *diretas* da existência de Deus eu estaria admitindo que a posição não-cristã é verdadeira e que pela sua própria razão você é capaz de julgar essa evidência com imparcialidade. <sup>6</sup> Mas isso é exatamente o que eu nego. Há provas para a existência de Deus, e a prova é que sem a existência de Deus você seria incapaz de provar qualquer coisa. <sup>7</sup>

Sim, eu estou fazendo uma reivindicação abrangente. Eu apelo à sua paciência para que eu possa provar o que reivindiquei. Mas antes disso, preciso remeter a algumas objeções que podem ser levantadas. Se você acompanhou de perto o que foi dito acima, poderia estar pronto a me desafiar no que eu disse sobre ser impossível raciocinar corretamente sem pressupor Deus. Eu estou dizendo que aqueles que não crêm em Deus nunca raciocinam corretamente? Os incrédulos não são aptos a dizer corretamente que 1+1 = 2? Não, eu não estou dizendo isso. <sup>8</sup> O que estou dizendo é que aqueles que não crêm no Deus cristão, *em princípio* não têm conhecimento real. Por causa do seu comprometimento com a independência de Deus, em princípio eles estão errados em relação a tudo, seja numa equação matemática ou no exame de uma rosa. <sup>9</sup> Mas os incrédulos não são completamente consistentes com esse princípio, e esse é o porquê deles poderem, e freqüentemente estarem, certos sobre coisas neste mundo. <sup>10</sup> Porque Deus

---

<sup>4</sup> “Tudo o que existe veio à existência pelo seu comando e está, portanto, sujeito a ele, encontrando nele o seu propósito e significado. A implicação é que em todo e qualquer tópico que investigarmos, da ética, à economia e ecologia, a verdade é encontrada somente em conexão a Deus e a sua revelação.” Charles Colson e Nancy Pearcey, *How Now Shall We Live?* Tyndale, pg. 15.

<sup>5</sup> Cornelius Van Til repetidamente emprega essa ilustração em seus escritos.

<sup>6</sup> “O método do raciocínio por pressuposição pode ser referido como indireto ao invés de direto. A discussão entre crentes e incrédulos sobre o teísmo cristão não pode ser estabelecida por um apelo direto a “fatos” ou “leis” cuja natureza e significado já são assumidos por ambos os interessados no debate. Antes, a questão tem a ver com qual é o ponto de referência último requerido para fazer com que os “fatos” e “leis” sejam inteligíveis.” Cornelius Van Til, *Christian Apologetics*, P&R, 1976, pg. 62.

<sup>7</sup> “Por outro lado, o cristão apresenta o Cristo auto-autenticador ao mundo como o único fundamento sobre o qual o homem precisa estar para fornecer quaisquer “razões” para qualquer coisa que seja. A noção “fornecer razões”, no seu todo, é completamente destruída por qualquer ontologia que não seja a cristã. O cristão reivindica que somente após aceitar o esquema bíblico das coisas é que uma pessoa poderá compreender e responder pela sua própria racionalidade.” *My Credo*, The Works of Cornelius Van Til, (New York: Label Army Co.) 1997.

<sup>8</sup> “Você quer asseverar que os não-cristãos não descobrem verdades pelos métodos que empregam?” A resposta é que não temos em mente nada que seja assim absurdo. A implicação do método aqui advogado é simplesmente que os não-cristãos nunca são aptos a e portanto nunca podem empregar os seus próprios métodos de forma consistente.” Cornelius Van Til, *Christian Apologetics*, pg. 64.

<sup>9</sup> “O homem natural, assumindo que ele e os fatos relacionados a ele não foram criados, assume, portanto, o que é basicamente falso. Tudo o que ele disser sobre si mesmo e sobre o universo será colorido por essa suposição. É, portanto, impossível admitir que ele esteja certo, basicamente certo, no que diz sobre qualquer fato. Se ele disser o que é certo no particular a qualquer fato, isso será *a despeito*, e não *por causa* da sua suposição basicamente falsa. Cornelius Van Til, *The Defense of the Faith*, P&R, 3rd Edition: 1967, pg. 224.

<sup>10</sup> “Primeiro, embora os incrédulos rejeitem a revelação de Deus acerca da Sua pessoa, eles não podem ser inteiramente consistentes nessa rejeição. A razão para a inconsistência, presente até certo grau em todo homem caído, é que mesmo o homem pecaminoso é imagem de Deus, e retêm muitas das capacidades originais (cf. Gênesis 9:6; Tiago 3:9). O homem ainda pensa e raciocina; ele ainda percebe o mundo. Porque a graça comum de Deus reprime o princípio do pecado e da depravação, os não-cristãos são de fato capazes de pensar e agir de acordo com as reminiscências da sua natureza à imagem de Deus sem

criou todos os homens, incluindo aqueles que agora lhe são rebeldes, todo homem traz a lei de Deus inescapavelmente impressa em sua consciência.<sup>11</sup> Por causa da graça comum de Deus, homens e mulheres rebeldes são, nesta vida, refreados na expressão plena da sua rebelião. Eles não se tornarão plenamente consistentes nisso até que o julgamento tome lugar.

A posição cristã diz que Deus é o criador absoluto do universo. Ele não apenas criou todas as coisas, mas também governa esse universo.<sup>12</sup> Deus “faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade”.<sup>13</sup> Ele é o Um Absoluto, a autoridade final de todas as coisas. Deus é soberano sobre tudo, e Sua Palavra é auto-testificadora. Portanto, não podemos trazer Deus para a sala de tribunal de forma tal que evidência possa ser trazida para que você seja o juiz.<sup>14</sup> O homem não está na posição de julgar o Criador e Sustentador do universo. Deus é a mais alta autoridade. Nós não podemos alcançar qualquer autoridade mais alta para verificar a Sua Palavra. Nós não podemos nos colocar na posição de julgamento da Palavra de Deus; esta nos julga. Você não está abordando a questão da Sua existência de forma neutra. Todas as pessoas abordam a questão por dentro da estrutura de uma filosofia de vida – uma *cosmovisão*. Irei desenvolver brevemente o que é entendido por uma “cosmovisão”. Mas antes que faça isso, eu preciso deixar claro a você que uma pessoa deve abordar a questão da existência de Deus de uma forma diferente daquela quando alguém aborda a existência de algo material. Lembre-se, a Bíblia ensina que Deus é espírito; Ele é invisível. Se pudéssemos colocar Deus num microscópio, como uma prova de Sua existência, o deus que buscaríamos provar não seria o Deus cristão da Bíblia.

Falemos da sua posição (ou crenças) por um momento. Você disse “Eu somente creio nos fatos provados pela ciência; mas você, por outro lado, crê em coisas pela fé”. Eu irei demonstrar a você, à medida que avançarmos, que você também aceita coisas pela fé. O que pretendo com isso é dizer que você também têm suposições básicas na sua vida que não podem ser testadas empiricamente. Você também tem pressuposições que não são verificadas pela ciência natural. A isso irei remeter quando considerar as nossas cosmovisões divergentes. Você me disse que é ateu, mas agora está reivindicando ser agnóstico. Para todos os propósitos práticos, não há diferença. Ateus dizem que não há Deus.<sup>15</sup> Porém mesmo agnósticos não são neutros na questão da existência do Deus cristão. Alguns dizem que ninguém sabe ou pode saber se há um Deus. Mas isso em si é

---

reconhecê-Lo como seu criador.” Richard L. Pratt, *Every Thought Captive: A Study Manual for the Defense of Christian Faith*, P&R, pg. 32.

<sup>11</sup> “Esse fato nos assegura que todo homem, para ser de fato homem, precisa já estar em contato com a verdade. Ele está tão ligado à verdade que muito de sua energia é gasta no esforço vão de esconder esse fato de si mesmo. Seus esforços para ocultar esse fato de si mesmo são certamente auto-frustrativos.” Cornelius Van Til, *Christian Apologetics*, P&R, 1976, pg. 58.

<sup>12</sup> “Certamente não é insignificante que a Bíblia inicia com uma declaração inflexível de Deus como o Criador de tudo.” Richard L. Pratt, *Every Thought Captive: A Study Manual for the Defense of Christian Faith*, P&R, pg. 32.

<sup>13</sup> Efésios 1:11 (Almeida Revisada Fiel, ARF).

<sup>14</sup> “Não pode haver tribunal no qual possamos fazer julgamentos de Deus: Ele é o juiz supremo.” Richard L. Pratt, *Every Thought Captive: A Study Manual for the Defense of Christian Faith*, P&R, pg. 18.

<sup>15</sup> “Deus é claramente manifesto a todos” (Romanos 1:18-20), tal que todos O conhecem (v. 21), embora suprimam a verdade (vv. 21ff). Num sentido, todas as pessoas são teístas, pois todas conhecem a Deus. Mas em outro sentido, os incrédulos são ateus, pois eles procuram apagar, negar esse conhecimento e viver sobre pressuposições ateístas.” John M. Frame, *Apologetics to the Glory of God: An Introduction*, P&R, pg. 92

dizer algo sobre Deus.<sup>16</sup> A posição cristã diz que o homem foi feito à imagem de Deus e que todo o universo foi criado e continua sendo governado por Ele. Tudo na criação é uma revelação de Deus, e isso inclui o próprio homem.<sup>17</sup> Portanto, o agnóstico não é neutro quanto às reivindicações do Cristo das Escrituras. Estritamente falando, segundo a cosmovisão cristã, não existe tal coisa como um agnóstico.<sup>18</sup> O agnosticismo é em si mesmo auto-contraditório.<sup>19</sup> Uma vez que você acredita na evolução e é materialista, também é um ateu. Fico contente por você concordar agora comigo que é de fato um ateu.

## Cosmovisões em Conflito

É hora de explicar porque eu não estou dando a você qualquer prova *direta* da existência de Deus. Não que eu acredite não haver tal prova. A ordem criada é em si mesma prova da existência de Deus.<sup>20</sup> O próprio fato de que você, uma pessoa feita à imagem de Deus, apela a padrões de moralidade, compromete-se à razão e apela à abstração e às leis universais da lógica, é uma prova da existência de Deus. A sua própria existência, raciocínio e psicologia são todas provas da existência de Deus. Da folha em toda árvore às estrelas do céu, toda a criação testifica o poder e a sabedoria de Deus. Mesmo a maldição que caiu sobre o homem e a criação por causa da rebelião do homem testifica a existência e o julgamento do Deus vivo. Mas, é claro, isso não é convincente para você. A razão porque eu não espero que isso seja convincente a você é que a própria natureza da situação é que todas as provas são avaliadas através de uma cosmovisão. Não há tal coisa como “fato bruto”. Não há tal coisa como “fato não-interpretado”.<sup>21</sup> Por conta disso a discussão entre nós precisa ir além de fatos isolados. Precisamos examinar as cosmovisões subjacentes que temos e que são usadas na interpretação de todos os fatos. Para fazer isso eu preciso inicialmente definir o que quero dizer por *filosofia*, por *pressuposição* e por *cosmovisão*.

<sup>16</sup> “Muitos crentes e ateus consideram o agnosticismo uma grande evasiva intelectual, já que o agnóstico evita se colocar numa posição de julgamento, uma vez que (ele diz) há dados insuficientes.” R.C. Sproul, *If There is a God, Why are there Atheists: Why Atheists Believe in Unbelief*, Ligonier Ministries, pg. 20.

<sup>17</sup> “Mas a teologia reformada... sustenta que a mente do homem é derivativa. Como tal, ela está em contato com a revelação de Deus. Ela é envolvida unicamente pela revelação. Ela é em si mesma inerentemente revelacional. Não pode ser naturalmente consciente de si mesma sem ser consciente da sua condição de criatura. Pois a consciência do homem pressupõe a consciência de Deus” Cornelius Van Til, *The Defense of the Faith*, P&R, 3rd Edition: 1967, pg. 90.

<sup>18</sup> “Se eu declaro que há um gato preto no banheiro, e você declara que ninguém sabe o que há no banheiro, você está virtualmente me dizendo que eu estou errado na minha hipótese. Assim, quando eu falo ao Sr. Preto que Deus existe e ele responde mui graciosamente dizendo que talvez eu esteja certo já que ninguém sabe o que está no “Além”, ele está virtualmente dizendo que eu estou errado em minha hipótese. Ele está obviamente pensando num Deus que poderia viver confortavelmente no reino do Acaso. Mas o Deus das Escrituras não pode viver no reino do Acaso”. Cornelius Van Til, *The Defense of the Faith*, P&R, 3rd Edition: 1967, pg. 244.

<sup>19</sup> “Se uma pessoa fosse genuinamente agnóstica, tentaria freneticamente encontrar formas de se prevenir; no mínimo servindo com os lábios a Deus, que, afinal, poderia um dia julgá-lo. Mas na prática, a maioria dos agnósticos não se previne dessa forma. Antes, ignora totalmente a Palavra de Deus na sua tomada de decisão. Nunca vai à igreja, nunca busca a vontade de Deus, nunca ora. Em outras palavras, os agnósticos se comportam exatamente como os ateus, e não como se estivessem numa posição intermediária entre ateísmo e teísmo”. John M. Frame, *Apologetics to the Glory of God: An Introduction*, P&R, pg. 92.

<sup>20</sup> “Embora o homem caído negue e cristãos freqüentemente tenham dificuldade de ver, a Bíblia ensina claramente que Deus se revela a todos os homens através de cada aspecto da criação, mesmo na constituição pessoal dos homens. A revelação de Deus é inevitável. Nós não podemos conhecer um só aspecto da criação sem que isso não nos faça voltar na direção do seu criador. “Os céus anunciam a Sua justiça, e todos os povos vêem a Sua glória” (Salmos 97:6). Richard L. Pratt, *Every Thought Captive: A Study Manual for the Defense of Christian Faith*, P&R, pg. 14.

<sup>21</sup> Ninguém sustenta uma crença à parte de todas as demais crenças.

Primeiro, o que é filosofia? O termo *filosofia* é usado de diferentes formas, e assim darei a definição que tenho em mente quando o emprego.<sup>22</sup> De forma mais ampla, *filosofia* é a investigação daquilo que afinal trata a vida. É o exame das questões últimas sobre a vida.<sup>23</sup> As questões filosóficas são conceituais na natureza e não caem na categoria de qualquer ciência em particular.<sup>24</sup> É importante notar que todas as pessoas têm uma filosofia de vida; e, portanto, todos somos filósofos. Para viver nesse mundo, as questões básicas da vida precisam ser respondidas. Alguns respondem as questões últimas da vida explicitamente e outros as respondem apenas implicitamente. Alguns tentam ser consistentes; outros não são consistentes. Em todo caso, todo mundo é filósofo.<sup>25</sup> Agora farei uma declaração da qual certamente iremos discordar. A filosofia é inerentemente religiosa. Eu entendo que você não concorda, mas você precisa entender isso pela perspectiva cristã, essa verdade é inescapável.<sup>26</sup> Isso, é claro, faz sentido se você pressupõe que o homem é feito à imagem de Deus e que, portanto, ele é um ser religioso. As questões indagadas pelo filósofo são, na maior parte dos casos, as mesmas do teólogo.<sup>27</sup> Ambos lançam questões últimas sobre a realidade, o conhecimento e a ética. Assim, do ponto de vista cristão é impossível divorciar a filosofia da teologia.

Há três campos principais na filosofia: metafísica, epistemologia e ética. Você já está familiarizado com esses termos porque fez cursos de filosofia no passado. Mas deixe-me refrescar as nossas memórias. O campo da *metafísica* lida com o estudo da realidade. O campo da *epistemologia* lida com o estudo do conhecimento. O campo da *ética* lida com o estudo dos valores. A maior parte dos livros de filosofia faz separações dentro desses três campos. Nós podemos simplesmente mencioná-los como “(1) realidade, (2) conhecimento e (3) valor”.<sup>28</sup> Em termos amplos, filosofia é um estudo desses três campos, os quais estão inter-relacionados. Embora façamos distinções entre eles, você não pode isolar um deles para exclusão dos outros dois. E finalmente, o termo *filosofia* pode ser usado mais especificamente para se referir a discípulos de segunda ordem como “filosofia da ciência”, “filosofia da lógica” ou “filosofia de fatos”. Elas são chamadas de disciplinas de segunda ordem porque estudam algo que estuda algo diferente. Busquemos agora uma definição do que se quer dizer por *pressuposição*.

<sup>22</sup> Alguns cristãos pensam que a Bíblia condena o estudo da filosofia. Colossenses 2:8 não condena, apenas nos alerta para não sermos tornados cativos pela filosofia mundana que não honra a Cristo.

<sup>23</sup> Michael Butler, *Philosophy of Science*, What is Philosophy (Part 1) – fita 2 de 22, MB101.mp3, [www.cmfnow.com](http://www.cmfnow.com)

<sup>24</sup> “Com isso se quer dizer que quando você está perguntando alguma questão filosófica, não há uma ciência específica à qual você pode ir para encontrar nossa resposta. Você não pode ir à medicina, à astronomia, à agricultura ou à ciência política... e obter uma resposta à nossa questão” Greg Bahnsen, *An Introduction to Philosophy*, fita 1 de 3, [www.cfmnow.com](http://www.cfmnow.com)

<sup>25</sup> Alguns são bons e outros são maus filósofos. Mas qualquer que for o caso, todo mundo é filósofo. Alguns tomam tempo para refletir em sua filosofia, mas a maioria toma decisões filosóficas com uma atitude padrão sem uma percepção adequada. Todo ensino e toda declaração quanto as questões últimas comunica-se com a filosofia direta ou indiretamente.

<sup>26</sup> “É claro, todo sistema de filosofia é religioso, não no sentido de advogar certos ritos de adoração, mas no sentido mais importante de que (1) ele é em algum ponto comprometido à pressuposições pelo ato da fé, tal como nas religiões, e (2) oferece uma cosmovisão e solução abrangentes para os problemas dos seres humanos”. John M. Frame, *Apologetics to the Glory of God: An Introduction*, P&R, Nota de rodapé #2, pg. 32.

<sup>27</sup> “Os filósofos têm em vista interpretações que explicam o mundo em que vivemos, nos termos da sua realidade fundamental, como sabemos aquilo que sabemos, e como devemos viver nele. Os filósofos buscam os princípios últimos de interpretação” Greg Bahnsen, *An Introduction to Philosophy*, tape 1 of 3, [www.cfmnow.com](http://www.cfmnow.com)

<sup>28</sup> Dan Dodds, *World View I*, Afternoon Apologetics Series, Apologetics1.mp3, [www.woodruffroad.com/apologetics.htm](http://www.woodruffroad.com/apologetics.htm)

O que é pressuposição? *Pressuposição* é simplesmente algo que você assume de antemão. É uma suposição. É uma crença que você tomou por certo antecipadamente e que não é verificada pela ciência natural. Pressuposições podem ser verdadeiras ou falsas; podem ser consistentes ou inconsistentes; e podem ser mantidas em diferentes níveis da consciência. Elas são crenças fundamentais que são básicas à vida.<sup>29</sup> Existem algumas pressuposições mais valiosas que outras. Quando evidência contrária é fornecida, uma pessoa geralmente buscará interpretar a evidência de forma tal a resguardar as crenças estimadas. Todos têm pressuposições, e elas interferem em como uma pessoa interpreta evidências. É impossível interpretar evidências ou fatos sem elas. Algumas pressuposições são tão preciosas que não serão abandonadas não importa a evidência. O que é cosmovisão? *Cosmovisão* é simplesmente a coleção das pressuposições de uma pessoa. Ela tem sido descrita como um conjunto, teia, rede, estrutura, agrupamento ou coleção de pressuposições ou suposições acerca da realidade fundamental da vida.<sup>30</sup> Inclui suposições filosóficas nos campos da metafísica, epistemologia e ética. Cosmovisão é um conjunto último de suposições filosóficas que fornecem a uma pessoa um ponto de referência para interpretar a experiência humana. A evidência é sempre avaliada à luz de uma cosmovisão.<sup>31</sup> Todos têm uma cosmovisão. Algumas pessoas são mais conscientes das suas cosmovisões e tentam mantê-las consistentes; já outras, nunca pensam profundamente nas suas suposições e comprometimentos, e assim, não tentam ser consistentes.<sup>32</sup> Como iremos ver, qualquer discussão sobre questões últimas precisa incluir uma análise das cosmovisões. Cada cosmovisão precisa ser examinada em termos da sua auto-consistência e se ela pode fornecer as pré-condições para a experiência humana inteligível.

A fim de mostrar como as pressuposições de uma pessoa operam como um ponto de referência deixe-me dar um simples exemplo. Suponha que meu bom amigo, que é digno de confiança, venha à minha casa e diga “A caminho do meu trabalho esta manhã, vi um terrível acidente na auto-estrada”. Embora eu não tenha escutado ou visto esse acidente, assumi que ele de fato aconteceu, segundo as palavras do meu amigo. Mais tarde no dia, quando eu falei com outras pessoas, minha postura foi como quem sabe que o acidente realmente aconteceu. Embora eu não tivesse por mim mesmo presenciado o acidente, aceitei-o como acontecimento verídico. Agora, suponha que o mesmo amigo venha à minha casa no dia seguinte e diga em tom sério: “A caminho do meu trabalho esta manhã, vi três extraterrestres”. Imediatamente começo a ver o meu amigo nos seus olhos para ver se há algum sinal de embriaguez ou uso de drogas. Peço ao meu amigo se ele estava descansando o suficiente. Quando ele continua insistindo ter visto extraterrestres, asseguro-o de que ele deve estar sonhando ou tendo algum tipo de alucinação. Você percebe como as minhas pressuposições, minhas suposições previamente admitidas, afetaram a forma com que interpretei a evidência que chegou a mim? Uma vez que de antemão eu não creia que existam extraterrestres, imediatamente comeci a buscar outras formas de justificar o que ele disse.

Nós temos o mesmo problema quando nos voltamos à questão da existência de Deus. Por exemplo, um materialista, que acredita que o universo consiste somente de matéria e de seus movimentos, possui uma cosmovisão que não permite qualquer explicação sobrenatural. Ela não é permitida desde o início! Os humanistas freqüentemente ridicularizam a Bíblia porque no Antigo Testamento Deus ordenou Seu povo a matar

<sup>29</sup> As nossas pressuposições determinam como fazemos inferências quando encontramos evidência.

<sup>30</sup> Ela também pode ser referida como um “esquema conceitual”.

<sup>31</sup> Sistemas completos de pensamento são acionados sempre que fazemos reivindicações existenciais.

<sup>32</sup> Van Til freqüentemente chamou essas pessoas de “ociosos epistemológicos”.

mulheres e crianças quando fossem subjugadas na terra de Canaã.<sup>33</sup> Eles alegam que o Deus da Bíblia deve ser imoral se de fato ordenou tal coisa. Isso apenas faz sentido se alguém *já* adotou a cosmovisão humanista.<sup>34</sup> Se o homem é a medida de todas as coisas e se Deus não faz nada contra o homem, então é claro que o Deus da Bíblia parece imoral. Ele não está à altura da suposição humanista básica e falsa sobre a realidade. Mas considere o caso a partir da cosmovisão cristã. Deus é a medida de todas as coisas. Por sua própria natureza Ele é santo, íntegro e bom. A moralidade não tem sentido aparte de Deus. O homem é a criatura de Deus moralmente obrigada a obedecer ao seu criador. Deus criou o mundo de forma tal que a rebelião traria maldição e morte. O homem se rebelou contra Deus e, portanto, está debaixo de uma justa punição. O homem já está debaixo de uma sentença de morte justa, e quando Deus permite que qualquer pecador continue a viver, é apenas pela Sua graça. Ora, se você adota a cosmovisão cristã, o problema está resolvido. Não há imoralidade em Deus.

Espero que você esteja começando a perceber que uma análise das cosmovisões subjacentes é absolutamente necessária para qualquer debate frutífero entre nós. O humanista e o cristão têm pressuposições diametralmente opostas sobre a natureza do homem. E esse é o porquê deles poderem olhar a mesma história do Antigo Testamento e chegar a duas conclusões completamente diferentes. É fácil o humanista ridicularizar o Deus cristão se o fizer com base em suposições humanistas. O cristão também pode facilmente ridicularizar o ateu com base em suposições cristãs. Mas como nos movemos para além disso? Há duas formas de criticar uma cosmovisão: a primeira envolve uma crítica externa, e a segunda é uma crítica interna.<sup>35</sup> O método externo eu já descrevi. Diz respeito à crítica à cosmovisão oposta sobre a base das suas próprias suposições. É um método falacioso. Uma crítica interna, por outro lado, incluiria uma demonstração de que mesmo sobre suas próprias suposições a cosmovisão oposta não pode ser consistente. Esta é a única forma correta de se criticar uma cosmovisão. Eu tentarei demonstrar a você que em diferentes áreas da vida a cosmovisão não-cristã não pode justificar, não pode prover uma base para a experiência humana.

De posse de um entendimento básico de pressuposições e cosmovisões passarei a demonstrar-lhe que todas as cosmovisões não-cristãs não podem justificar aquilo que tomamos por certo na experiência humana. Primeiro, discutirei a tensão irreconciliável que está presente em todas as cosmovisões ateístas. Então demonstrarei a você que a cosmovisão ateísta não pode esclarecer a moralidade, a ciência e a lógica. Aquelas coisas que precisamos tomar por certo, inclusive para mantermos esta discussão, não tem base na cosmovisão ateísta. A cosmovisão cristã pode responder por essas coisas. Assim, visualizemos agora esses problemas tanto pela cosmovisão ateísta quanto teísta.<sup>36</sup> Para fazer isso você precisa cooperar comigo fazendo algumas perguntas, daquelas mais espinhosas e fundamentais.

<sup>33</sup> 1 Samuel 15:3 (ARF): “Vai, pois, agora e fere a Amaleque; e destrói totalmente a tudo o que tiver, e não lhe perdoes; porém matarás desde o homem até à mulher, desde os meninos até aos de peito, desde os bois até às ovelhas, e desde os camelos até aos jumentos”.

<sup>34</sup> Isso é simplesmente argumentação circular. Atacar o Cristianismo com base na ética humanista é assumir aquilo que se está tentando provar. Veja o debate *Does God Exist?* Michael Butler vs. Dan Barker, fita 1 de 2, MB150.mp3, [www.cmfnow.com](http://www.cmfnow.com)

<sup>35</sup> Veja o debate *Does God Exist?* Michael Butler vs. Dan Barker, fita 1 de 2, MB150.mp3, [www.cmfnow.com](http://www.cmfnow.com)

<sup>36</sup> Ambas as cosmovisões devem ser testadas internamente com relação à sua consistência, arbitrariedade e coerência.



## Todo Pensamento Incrédulo Sofre de Uma Tensão Dialética <sup>37</sup>

Em todo e qualquer pensamento não-cristão há uma interação entre duas idéias conflitantes – uma tensão dialética. Há duas coisas opostas entre si acontecendo ao mesmo tempo. Toda filosofia não-cristã tem o problema da tensão racional/irracional. “O que você quer dizer com isso?”, você pergunta. Primeiro, vamos definir o que se entende por *racionalismo*. Por *racionalismo*, me refiro à crença que o mundo é ultimamente conhecível à mente humana. Esta pode obter a verdade, e a linguagem humana pode descrever o mundo. A razão é aceita como a autoridade última nas questões da opinião, crença ou conduta. <sup>38</sup> A ciência assume que a ciência é racional. Por outro lado, irracionalismo é a crença que o mundo é fundamentalmente incompreensível. É um sistema em que a atitude ou crença pode ter uma base não-racional. <sup>39</sup>

A tensão no pensamento incrédulo descansa no fato de que o ateu nos diz, e age considerando, que o mundo é racional. Quanto à existência de Deus, ele quer evidência que apele a sua razão. <sup>40</sup> Ele quer entrar na demanda do estudo científico. Mas como ele sabe que o universo é racional, no nível último? Para incumbir-se do estudo científico o ateu precisa assumir que a natureza é racional. De novo, como ele sabe que ela é racional? Ele assume que é. Não há meio racional de provar que o universo é racional, no final das contas. O racionalista percebe que é finito e que há um mistério nesse universo. <sup>41</sup> Seu esquema não pode tomar tudo em consideração. <sup>42</sup> Mas ele continua a agir como se o mundo fosse fundamentalmente racional. A pesquisa científica precisa assumir a racionalidade do universo para poder investigar qualquer coisa que seja. Agindo assim, o incrédulo é irracional. <sup>43</sup> Ele precisa assumir, ou pressupor, que o universo é racional no

<sup>37</sup> O seguinte material está primariamente baseado num ensaio de Michael Butler, *Philosophy of Science, What is Philosophy* (Parte 2) – 3 de 22, MB102.mp3, e num ensaio de Greg Bahnsen, *An Introduction to Philosophy*, Parte 2 de 3, GB896.mp3 (42:00-51:00), Covenant Media Foundation, cmfnw.com

<sup>38</sup> Random House Webster's Unabridged Dictionary.

<sup>39</sup> “Tem sido sugerido que o homem caído é tanto irracionalista como racionalista. Seu irracionalismo descansa sobre a sua suposição metafísica de que a realidade é controlada por ou é uma expressão do puro acaso. Seu racionalismo baseia-se na suposição de que a realidade é plenamente determinada por leis com as quais o pensamento humano em último caso se identifica”. Cornelius Van Til, *A Christian Theory of Knowledge*, P&R, 1969, pg. 56.

<sup>40</sup> “Por ‘razão’ quer-se referir à razão do homem como o determinante do possível e do impossível nos termos da ‘lógica’ ... Em segundo lugar, o Cristianismo precisa ser demonstrado como estando ‘de acordo com os fatos’. Esses fatos são fatos conforme a razão, o determinante do possível e do impossível, ‘descobriu’ ou observou”. Cornelius Van Til, *A Christian Theory of Knowledge*, P&R, 1969, pg. 17, 18.

<sup>41</sup> “Nenhum homem pode saber tudo. Assim, há autoridades neste e naquele campo. O doutor é *expert* no campo da medicina. O físico é *expert* em seu próprio campo, e assim por diante. Claramente, esse tipo de autoridade *expert* o homem prontamente reconhecerá. É totalmente consistente com seu princípio admitir sua finitude”. Cornelius Van Til, *A Christian Theory of Knowledge*, P&R, pg. 59.

<sup>42</sup> “Há certas filosofias que contemplam o mundo e dizem ‘O mundo é apto a uma descrição racional. Tudo o que é real pode ser descrito. Tudo o que é real pode ser conhecido, no final das contas. Tudo é conhecível’. Bem, o problema com essa abordagem... se você é um não-cristão, é se ele é conhecível, quem sabe? Se tudo o que é real é conhecível, quem é aquele que sabe tudo? Você percebe, mesmo que juntasse todos os computadores disponíveis no mundo e os conectasse a todos os elementos discretos conhecidos das pessoas, tal que elas pudessem injetar isso no computador, você ainda não teria tudo. E cedo ou tarde ficaria evidente que qualquer que fosse o mapa da realidade e do conhecimento proposto pelo incrédulo, ele não conteria tudo”. Greg Bahnsen, *An Introduction to Philosophy*, fita 2 de 3, GB896.mp3 (45:05 - 46:15), [www.cmfnw.com](http://www.cmfnw.com)

<sup>43</sup> “Para o não-cristão, se você tem um esquema racional para entender o mundo e o conhecimento humano, e esse esquema não leva tudo em consideração, você está querendo dizer ‘O que a minha filosofia não considera não é verdadeiro ou real...’ ou ‘tudo no mundo é conhecível, mas há outro princípio que deve ser levado em conta, isto é, que ninguém conhece a verdade no nível último’. E isso é o que chamamos de tendência irracional na filosofia. Essa tendência ou orientação irracional deve admitir

nível último. Ele é incapaz de provar essa racionalidade porque a crença de que o universo é racional precisa ser pressuposta primeiro, a fim de que ele seja capaz de provar cientificamente qualquer coisa. Não há fundamento para a racionalidade no universo ateu. As coisas são assim, simplesmente. “Como o teísmo cristão resolve o problema?” pergunta você. A posição cristã diz que Deus é pessoal e que Ele existe eternamente, imutavelmente e independentemente. Deus tem conhecimento absoluto de Si mesmo. Seu conhecimento não depende de opiniões sobre uma verdade acima e além dEle. Não há nada escondido de Deus, e portanto não há nada em Seu ser que lhe seja desconhecido. O conhecimento que Deus tem de si mesmo é absoluto. Torna-se óbvio, à medida que avançamos, que para esse tipo de Deus ser conhecido por criaturas finitas Ele precisa se revelar. Deus criou o universo segundo o Seu plano eterno. Uma vez que todos os fatos do universo são o que são por causa do plano eterno de Deus, o universo é plenamente conhecido por Ele. Isso significa que o universo é racional, no nível último.<sup>44</sup> Uma vez que Deus criou o homem a Sua imagem, temos capacidade de receber a revelação de Deus e, portanto, o mundo também é conhecido por nós num nível finito. Nós podemos conhecer algo verdadeiramente, sem que seja conhecimento exaustivo, porque Deus está por trás do nosso conhecimento.<sup>45</sup> O cristão concorda e discorda do racionalista. O cristão diz que o mundo é conhecível apenas porque é plenamente conhecido por Deus, e somos capazes de receber revelação de Deus e refletir o Seu pensamento num nível finito, sendo suas criaturas. Ao mesmo tempo, o cristão concorda com o irracionalista.<sup>46</sup> O cristão concorda que existe mistério. Somente Deus conhece plenamente o universo, e há coisas que Ele não tem revelado.

Assim, você vê que somente a cosmovisão cristã pode resolver essa tensão racional/irracional. Não há fundamento para a racionalidade no universo ateu. O ateu não pode dar conta da sua suposição mais básica. Ele é incapaz de fornecer uma base racional para as questões últimas das quais deve partir. Ele deve simplesmente dizer “As coisas são assim, simplesmente”. O cristão, por outro lado, tem um fundamento para a racionalidade. Ele tem uma base para as suas suposições. Ele tem uma resposta. Ora, o ateu pode não gostar ou aceitar a resposta cristã, mas ela é ainda uma resposta. O ateu não pode nem mesmo iniciar uma resposta a essa questão.<sup>47</sup> Porque o ateu rejeita o Deus Triúno da Bíblia e a distinção Criador-criatura, sua cosmovisão é reduzida à tolice. A Bíblia diz “Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele apanha os sábios na sua própria astúcia”.<sup>48</sup> O incrédulo não pode dar uma justificativa para as suas suposições

---

que a mente humana é limitada, e que portanto não pode ser a autoridade última, pois a mente humana não leva em conta todas as coisas”. Greg Bahnsen, GB896.mp3 (46:25 - 47:18).

<sup>44</sup> “Tudo aquilo que pode ser propriamente chamado de verdade, não simplesmente ‘verdade religiosa’, reside primeiro em Deus, e o homem conhece verdadeiramente apenas à medida que ele chega à revelação de Deus da Sua pessoa como sendo a fonte da verdade, pois é Deus quem ensina ao homem o conhecimento (Salmos 94:10)... O homem de fato pensa, mas o verdadeiro conhecimento depende e deriva do conhecimento de Deus tal como tem sido revelado ao homem”. Richard L. Pratt, *Every Thought Captive: A Study Manual for the Defense of Christian Faith*, P&R, pg. 17.

<sup>45</sup> “Deus conhece tudo e é do seu conhecimento que nós precisamos depender se é o caso de nós mesmos sabermos algo. Todo conhecimento genuíno que o homem tem é derivado intencional ou não-intencionalmente de Deus”. Richard L. Pratt, *Every Thought Captive: A Study Manual for the Defense of Christian Faith*, P&R, pg. 17.

<sup>46</sup> O cristão concorda com o irracionalista que a mente humana não pode compreender plenamente os fatos do universo. Ele discorda do irracionalista, pois crê que o universo é racional. É plenamente conhecido por Deus.

<sup>47</sup> Não é que a cosmovisão cristã pode dar uma melhor justificativa para a racionalidade do que as outras cosmovisões. Nenhuma outra cosmovisão sequer pode iniciar uma justificativa para a racionalidade.

<sup>48</sup> 1 Coríntios 3:19 (ARF).

básicas. Não pode dar uma justificativa para o emprego da razão.<sup>49</sup> A cosmovisão cristã fornece uma base quando assume que o universo é racional, e igualmente explica porque há também um mistério para o homem. À medida que nos movermos ao outro tópico, tenha esse problema em mente. É um problema básico e destrutivo de todas as cosmovisões incrédulas.<sup>50</sup>

## A Base Para a Moralidade

Outro tópico importante que precisa ser considerado quando comparamos as cosmovisões cristã e ateuista é a *moralidade*. Se você dispensar algum tempo na observação das pessoas, verá que elas freqüentemente fazem julgamentos morais. Elas freqüentemente apelam a padrões morais na medida em que consideram algumas ações boas ou virtuosas, e outras ruins ou más. Se você observar ateus e cristãos, verá que ambos assumem que certas condutas por parte dos seres humanos são moralmente repreensíveis. Eles também assumem que certas condutas são virtuosas. Ora, eles podem não concordar em tudo aquilo que pode ser especificamente considerado virtuoso e repreensível; mas tanto o ateu como o cristão age como se as demais pessoas devessem estar também debaixo desse padrão. De outro modo seria absurdo ateus ou cristãos criticarem a conduta das outras pessoas.

Uma vez que todas as pessoas fazem esses julgamentos morais, precisamos perguntar de onde esses julgamentos partem, e qual é o padrão. Há um padrão objetivo?<sup>51</sup> Se você, sendo ateu, reivindica que todas as pessoas devem ser amáveis e atenciosas com o próximo, sobre qual base você espera que as demais pessoas devam se adequar a essa regra também? Alguns argumentariam que a moral está baseada nas conseqüências que emergem da conduta.<sup>52</sup> Em outros casos, fazer a coisa “errada” traria prosperidade. Há outros que alegariam que aquilo que chamamos de “moral” é subjetivo. Porque você sente repulsa por assassinato a sangue-frio, por exemplo, você considera isso errado. São simplesmente os seus sentimentos subjetivos que lhe dão o senso de moralidade. Mas o fato de criticarmos os outros por atos moralmente repreensíveis demonstra que cremos que foram de fato violados princípios básicos que unem todas as pessoas.

Alguns diriam que princípios morais são simples convenções humanas. Em outras palavras, são sentimentos subjetivos compartilhados por toda uma cultura ou pela humanidade em geral. Essas convenções são passadas ao longo das gerações – parte da evolução do homem. Mas o problema com essa visão é que ela não concorda com a forma

<sup>49</sup> N. T. Até porque essa justificativa, para ser inteligível, demandaria a razão; isso traria ao ateu um desafio adicional: dar uma explicação, dentro da sua cosmovisão, para a inevitabilidade do uso da lógica.

<sup>50</sup> “De modo que nós reivindicamos, portanto, que somente o Cristianismo é razoável ao homem sustentar. É completamente irracional manter qualquer outra posição. Somente o Cristianismo não violenta a razão no altar do ‘acaso’.” *My Credo*, The Works of Cornelius Van Til, (New York: Label Army Co.) 1997.

<sup>51</sup> “Os valores que nós estimamos são meras convenções sociais tal como guiar na direita *versus* na contramão numa estrada? Ou são simples expressões das nossas inclinações pessoais, como ter ou não gosto por certo tipo de comida? Leis morais existem, reconhecemo-las ou não, e se for o caso, qual é o seu fundamento? Além do mais, se a moralidade não é nada mais que um conceito puramente humano, por que então devemos agir moralmente, especificamente quando isso conflita com o interesse pessoal? Ou, somos de alguma forma responsáveis por nossas decisões e ações morais? William Lane Craig, *No good without God*, Australian Presbyterian, August 2003, No. 551, *God: Our Moral Gravity*, pg. 09.

<sup>52</sup> “O comportamento ‘certo’ tende a ser recompensado, mas o comportamento ‘errado’ tende a levar a conseqüências más. Assim, formamos os conceitos de certo e errado com base nas conseqüências”. John M. Frame, *Apologetics to the Glory of God*, P&R, 94.

que nós normalmente reagimos a comportamentos morais repulsivos. Quando toda uma cultura assume uma conduta que consideramos maldosa, nós não dizemos simplesmente “Bem, essa era a convenção daquele tempo, e, portanto, para eles essa conduta não estava errada”.<sup>53</sup> Não, nós os censuramos. A nossa própria reação a condutas que consideramos perversas demonstra que os princípios morais não são simples convenções humanas. Ateus e cristãos crêem que há certas coisas que as pessoas não *devem* fazer. Falar a verdade também tem valor ético. Se eu fosse mentir a você e tentasse enganá-lo nessa conversação, você diria que isso é errado. Você está me mantendo num padrão objetivo – algo que não precisamos concordar de antemão. Nós assumimos. Esse padrão é algo que eu não posso mudar por conta de sentimentos subjetivos. Assim como um padrão último de verdade está implicado em qualquer declaração de verdade, um padrão moral último está implicado em qualquer declaração ética.

Ora, como a cosmovisão ateísta lida com a moralidade? O ateu materialista diz que tudo no universo é matéria em movimento, e que os elementos pessoais podem ser explicados pelo impessoal. Sua pressuposição é que o universo é fundamentalmente impessoal. É possível imaginar que uma lei impessoal seja capaz de nos dar princípios éticos?<sup>54</sup> Sobre qual base pode uma lei impessoal criar o dever? Se tudo no universo é matéria em movimento, é absurdo falar inclusive de moralidade.<sup>55</sup> A única resposta a esse problema é dizer que a fonte da moralidade é pessoal. Já que o ateu não acredita no Deus pessoal absoluto da Bíblia, ele precisa fundamentar a ética em pessoas não-absolutas. O ateu Eddie Tabash disse, “O meu fundamento para os julgamentos morais é o meu entendimento empírico das decências morais comuns que eu creio serem inerentes aos seres humanos... É a sabedoria acumulada do aprendizado empírico humano ao longo das eras que nos ajuda a evoluir e a desenvolver o nosso senso de moralidade”.<sup>56</sup> Isso não responde a questão. Ele simplesmente nos diz que de acordo com a sua opinião os padrões morais existem; são inerentes aos seres humanos. Nós já sabemos disso. Mas a questão não foi respondida. Qual é a base objetiva para os padrões morais?

A cosmovisão ateísta não pode dar um fundamento para a moralidade. Para que o ateu possa fazer julgamentos morais ele precisa irracionalmente emprestar da cosmovisão cristã. Os ateus freqüentemente dizem que os padrões éticos são deduzidos da observação do modo como as pessoas normalmente se comportam. O problema com isso é que só porque as pessoas se comportam de uma determinada maneira isso não significa que é moralmente aceitável elas se comportarem assim. Para que o ateu seja consistente com as suas suposições, ele precisa renunciar aos seus julgamentos morais quaisquer que sejam. Uma vez que ele crê que o universo é apenas matéria em movimento, e já que a matéria

---

<sup>53</sup> “Quando ouvimos sobre canibalismo numa tribo distante, a nossa resposta não é ‘Bem, é o gosto pessoal deles (!)’, mas ‘Isso é perverso’. Assim, se esses valores são culturalmente subjetivos, nós precisamos lutar bastante para mudar as nossas reações às coisas. John M. Frame, *Apologetics to the Glory of God*, P&R, 95.

<sup>54</sup> Certamente, se as leis do universo se reduzissem ao acaso, nada de importância ética poderia emergir dele. O que podemos aprender de valor ético das colisões aleatórias de partículas subatômicas? Que fidelidade devemos ao puro acaso?” John M. Frame, *Apologetics to the Glory of God*, P&R, 98.

<sup>55</sup> “A idéia de que poderia existir um padrão ético impessoal é absurda. Ética é necessariamente pessoal... É a cosmovisão ateísta que não pode justificar a ética. Como eu estabeleci acima, eventos materiais são amorais por natureza. Não faz sentido dizer que a órbita da lua é moralmente elogiável ou repreensível e também não faz sentido dizer que as ações humanas são elogiáveis ou repreensíveis desde que os seres humanos sejam meramente materiais”. Michael Butler, *TAG vs. TANG*, The August 1996 Penpoint, [www.reformed.org/apologetics/martin/pen896.html](http://www.reformed.org/apologetics/martin/pen896.html)

<sup>56</sup> Does God Exist? The Debate, Gene Cook Jr. vs. Ed Tabash, sermonaudio.com, 802125241 (95:00 - 101:30).

impessoal é amoral, é irracional ele sustentar qualquer responsabilidade moral em qualquer circunstância. Michael Butler escreve, “O ateu não tem saída. Se ele deseja sustentar a moralidade, precisa abrir mão do ateísmo. Se ele quer manter o seu ateísmo, precisa abrir mão da moralidade. Assim, para que um ateu acuse um cristão de um mau comportamento ele precisa pressupor a cosmovisão cristã. Mas uma vez que ele alega não pressupor a verdade do Cristianismo, precisa ser consistente e não se preocupar com questões morais”.

57

A cosmovisão cristã, por outro lado, tem uma base para a moralidade. Uma vez que Deus é uma pessoa absoluta, santa e reta, sua própria natureza é a base objetiva para a moralidade. O fundamento para a moralidade procede do Deus eterno e pessoal do universo. Deus criou o homem a Sua imagem, e assim ele é moralmente obrigado a obedecer à lei do Criador.<sup>58</sup> Não existem leis impessoais. A lei de Deus está fixada pela Sua natureza imutável. O apologetista cristão John Frame colocou isso desta forma: “Assim, a escolha é: aceitar o Deus da Bíblia ou negar a moralidade objetiva, a verdade objetiva, a racionalidade do homem e a possibilidade de conhecimento racional do universo”.<sup>59</sup>

## A Base Para a Ciência

No início da nossa conversa você disse acreditar tão-somente nos fatos provados pela ciência. Muitas pessoas têm a falsa impressão de que a ciência é um campo absolutamente neutro de estudo e que ela é o árbitro final da verdade. Elas simplesmente assumem que a ciência e o Cristianismo são incompatíveis. Qualquer um que fosse discordar dessa suposição seria ridicularizado. O preconceito dessas pessoas se torna evidente pela forma com que tratam aqueles que não compactuam com essa visão. Ao invés de refletir em meio às questões, freqüentemente usam de escárnio num desdém àqueles que discordam. Antes que avancemos, seria proveitoso termos uma definição útil de ciência. O que é ciência? Ciência é a investigação do mundo físico através da observação e da experimentação.<sup>60</sup> É errado, no entanto, supor que o estudo científico pode ser absolutamente neutro. Quando falávamos a respeito de cosmovisões, eu enfatizei que todos os fatos são interpretados pela peneira de uma cosmovisão. É importante lembrar isso. Um fato não pode ser investigado em completo isolamento de crenças previamente admitidas. Sim, mesmo os cientistas têm suas pressuposições.<sup>61</sup>

<sup>57</sup> Michael Butler, *TAG vs. TANG*, The August 1996 Penpoint, [www.reformed.org/apologetics/martin/pen896.html](http://www.reformed.org/apologetics/martin/pen896.html)

<sup>58</sup> “Além disso, na visão ateuista não existe um legislador moral. Mas então que fonte existe para a obrigação moral? Richard Taylor, um eminente especialista em ética, escreve, ‘A era moderna, repudiando muito ou pouco a idéia de um legislador divino, tem, apesar de tudo, procurado manter noções morais de certo e errado, sem perceber que, colocando Deus de lado, tem também igualmente abolido os requisitos para a significância dessas noções morais de certo e errado. Assim, mesmo pessoas educadas às vezes declaram que coisas tais como a guerra, o aborto ou a violação de certos direitos humanos, são “moralmente errados”, e imaginam ter dito algo verdadeiro e significativo”. William Lane Craig, *No good without God*, Australian Presbyterian, August 2003, No. 551, *God: Our Moral Gravity*, pg. 09.

<sup>59</sup> John M. Frame, *Apologetics to the Glory of God*, P&R, pg. 102.

<sup>60</sup> Ciência é “conhecimento sistemático do mundo físico ou material obtido mediante a observação e a experimentação”. Random House Webster’s Unabridged Dictionary.

<sup>61</sup> “O cientistas precisa pressupor um universo regulado, e nisso ele pressupõe uma criação ordenada. Todo cientista elabora certas suposições básicas sobre a realidade e o conhecimento, conscientemente ou não; e essas reflexões são religiosamente motivadas”. Greg Bahnsen, *Revelation, Speculation and Science*, [www.cmfnow.com/articles/pa001.htm](http://www.cmfnow.com/articles/pa001.htm)

Que os cientistas investigam os fatos com suposições previamente assumidas pode ser visto se você considerar o fato que há muitos métodos científicos diferentes competindo entre si.<sup>62</sup> Há a indução, o positivismo lógico, o verificacionismo, o falsificacionismo etc. Além disso, há debates acerca de como devemos lidar com as teorias da ciência.<sup>63</sup> Mesmo entre cientistas incrédulos há discordância em diversas questões básicas. Por exemplo, há discordância em se toda a ciência é ou não reduzível à física. Alguns cientistas acreditam que tudo se reduz à física. Muitos cientistas materialistas sustentam essa visão. Embora não seja assim no presente, eles crêem que no futuro leis físicas explicarão tudo. Note a confiança na fé! Note as pressuposições. Outros discordam. Dizem que a biologia, por exemplo, é diferente da física e vai ser sempre assim. Toda essa discordância, mesmo entre cientistas ateus, deve nos alertar para a realidade de que é impossível investigar o fenômeno do mundo sem uma filosofia de vida básica, pressuposta. Porque os próprios cientistas não chegam às mesmas conclusões, é óbvio que o estudo científico não é neutro e não é o árbitro final da verdade. Com isso não estou querendo dizer que considero o estudo científico insignificante ou desnecessário. Como cristão, creio que Deus nos chamou ao empreendimento da ciência.<sup>64</sup> O estudo do mundo em que vivemos é parte da nossa tarefa e é uma forma importante de aprender sobre o nosso mundo.<sup>65</sup>

Precisamos agora perguntar: qual é a suposição mais básica a ser feita para empreendermos ciência? A resposta é que nós precisamos assumir a *uniformidade da natureza*. Com isso quer-se dizer que nós precisamos assumir ações naturais de um modo previsível. Toda investigação científica precisa assumir a uniformidade da natureza. Isso é fundamental para ela. Sem essa suposição básica seria impossível conduzir experimentos e aprender a partir da observação. Essa suposição vai muito além do que normalmente chamaríamos de “ciência”. Ela inclui qualquer observação feita em nossa vida diária. Pense nisso. Toda vez que você dirige um carro, dá um nó no cadarço do sapato ou joga tênis, está assumindo a uniformidade da natureza.<sup>66</sup> Precisamos, agora, responder uma questão difícil. Por que nós assumimos a uniformidade da natureza? “Porque tem sido sempre assim”, responde você. Mas eu não estou lhe perguntando como tem sido no passado. Eu estou perguntando por que você assume que a natureza agirá no futuro de modo previsível. O fato é que você põe diariamente a sua vida em jogo fazendo essa suposição. A sua

<sup>62</sup> Todo esse parágrafo baseia-se no ensaio de Michael Butler, *Philosophy of Science, What is Philosophy* (Parte 2) – 3 de 22, MB102.mp3

<sup>63</sup> As teorias da ciência devem ser assumidas como literalmente verdadeiras? Elas são apenas usadas porque sucede operarem neste momento da história? Elas correspondem ou não à realidade? Esses são pontos debatidos entre cientistas.

<sup>64</sup> Adão foi o primeiro cientista. A ele foi dada a tarefa de observar e nomear os animais. Gênesis 2:19-20 (ARF), “Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea”.

<sup>65</sup> No entanto, nós não devemos tentar fazer isso com independência da revelação de Deus. Não devemos tentar estudar o mundo de Deus em rebelião a Ele. É um engano praticar ciência autonomamente. Bahnsen escreve “Adão e Eva tomaram a abordagem ‘moderna’; eles queriam interpretar o mundo aparte da revelação sobrenatural. A questão de quais eram as qualidades e a natureza de um fruto particular e quais efeitos poderiam resultar da sua ingestão, foram questões ‘científicas’ a ser respondidas por uma pesquisa independente da Palavra de um Senhor autoritativo. Por que deveríamos repetir o erro deles?” Greg Bahnsen, *Revelation, Speculation and Science*.

<sup>66</sup> Tudo o que você sabe assume a uniformidade da natureza. O emprego da linguagem assume a uniformidade da natureza. As leis da matemática assumem a uniformidade da natureza. Veja o ensaio de Greg Bahnsen intitulado *Practical Apologetics*, Fita 3 de 5, GB1358.mp3 (28:00-45:00), cmfnw.com

resposta é “Se tem sempre sido assim, é muito provável que continue a ser assim no futuro”. Essa resposta pode satisfazê-lo, mas mostrarei a você que há um sério problema aí. Trata-se de um raciocínio circular. É simplesmente dar a questão como provada.

Segundo o filósofo David Hume, dizer que o futuro será como o passado é raciocinar em círculos. É o problema tradicional da indução.<sup>67</sup> O princípio indutivo na lógica é “qualquer forma de raciocínio em que a conclusão, ainda que suportada pelas premissas, não segue necessariamente delas.”<sup>68</sup> Bertrand Russell, o filósofo ateu, disse que qualquer número de vezes em que uma lei foi confirmada no passado não prova que ela será confirmada no futuro. “Todo argumento que, sobre a base da experiência, defende-se pelo futuro, assume o princípio indutivo. Portanto, nunca podemos usar a experiência para provar o princípio indutivo sem estar ao mesmo tempo argumentando em círculos”.<sup>69</sup> Lembre-se, o ateu diz que o universo veio à existência a partir do *acaso*. Se o mundo teve origem no *acaso*, não há como sabermos ao certo que o futuro será como o passado.<sup>70</sup> Assim, o ateu, que quer acreditar apenas nas coisas que podem ser demonstradas pela investigação empírica, precisa sustentar uma suposição básica que não pode ser demonstrada pela investigação empírica. A ciência está erigida sobre o fundamento da uniformidade da natureza, mas ela em si mesma não tem meios de demonstrar essa uniformidade.<sup>71</sup>

A cosmovisão cristã, por outro lado, tem uma base para o princípio indutivo. Ela pode dar um fundamento para a uniformidade da natureza. O Deus pessoal e eterno da Bíblia criou e governa o universo de acordo com o Seu desígnio. Ele controla providencialmente o que quer que venha a acontecer. Em razão disso, e porque Ele nos

---

<sup>67</sup> “A discussão desse problema por Hume (comumente chamado de problema tradicional da indução) é encontrado em seu *An Inquiry Concerning Human Understanding*, section VI” Michael Butler, *TAG vs. TANG*, The August 1996 Penpoint, Footnote #9; ‘Há tempos atrás David Hume notou que os cientistas agiam sobre uma crença cientificamente infundada, ainda que criticamente essencial, na uniformidade da natureza observável. No entanto, ressaltou ele, não há razão (além do hábito psicológico) para o cientista naturalista esperar que o sol volte a raiar amanhã. A ciência, enquanto disciplina autônoma auto-contida, não tem uma resposta honesta para Hume. Mas se a ciência, propriamente concebida, se subordina à revelação de Deus, então se sabe por que o sol irá raiar novamente, pois se sabe que Deus providencialmente controla todas as operações do seu universo criado de um modo regular e seguro”. Greg Bahnsen, *Revelation, Speculation and Science*, [www.cmfnow.com/articles/pa001.htm](http://www.cmfnow.com/articles/pa001.htm)

<sup>68</sup> Random House Webster's Unabridged Dictionary.

<sup>69</sup> Bertrand Russell, *Problems of Philosophy*.

<sup>70</sup> “Admitir o acaso como causação última é negar a possibilidade da ciência e do significado. Como observou Pei, ‘A menos que escolhamos aceitar a doutrina da predestinação, é o acaso que faz a história. Van Til resumiu a questão claramente: Pecadores usam o princípio do Acaso por trás de todas as coisas e a idéia da racionalização exaustiva como objetivo legítimo da ciência. Se o universo fosse realmente como essas pessoas supõem, de acordo com os seus princípios não haveria ciência. A ciência é possível e real somente porque o princípio não-incrédulo não é verdadeiro, ao contrário do princípio do crente. Somente porque Deus criou o universo e o controla pela Sua providência é que existe de fato tal coisa como a ciência... Van Til: *A Christian Theory of Knowledge...*” Rousas John Rushdoony, *The One and the Many*, Thoburn Press, pg. 14, 15.

<sup>71</sup> “Em outras palavras, o cientista naturalista coerente parece manter-se apegado a um conjunto de crenças irracionais sobre o estado de coisas simplesmente para que a sua empreitada científica ‘racional’ possa sair do chão. É muito óbvio que antes de qualquer empreitada científica nós precisamos partir da especulação (sobre hipóteses ‘casuais’) ou da revelação. As Escrituras (do Deus único que conhecemos) revelam porque o mundo, e o homem nele, são de natureza tal que a empreitada científica tem significado. O estado de coisas, tal como se apresenta, se deve à criação e à providência do Deus soberano. Se a ciência (assim chamada) pudesse realmente refutar as verdades das Escrituras, não haveria em absoluto uma base real para a ciência. O desejo da comunidade científica de opor sua empreitada e conclusões à revelação cristã é em último caso suicida”. Greg Bahnsen, *Revelation, Speculation and Science*, [www.cmfnow.com/articles/pa001.htm](http://www.cmfnow.com/articles/pa001.htm)

disse em sua Palavra que podemos esperar regularidade na natureza, a cosmovisão cristã tem um fundamento para a uniformidade da natureza. Há um Deus pessoal e absoluto que governa o universo de forma tal que torna possível ao homem assumir essa uniformidade.<sup>72</sup> O ateu não pode dar base para o princípio indutivo. Num universo que é fundamentalmente controlado pelo acaso é irracional assumir a uniformidade da natureza. Porque o ateu foi criado à imagem de Deus, e porque o universo não é o que o ateu diz ser, mesmo o ateu pode acrescentar. Mas ele não pode *dar conta* do seu acréscimo. Greg Bahnsen escreveu, “Essa é uma daquelas ironias históricas embaraçosas que a ciência moderna não poderia ter levantado a menos que fosse na atmosfera de uma visão cristã de mundo e de vida. Apesar de tudo, a comunidade científica de hoje persiste em jogar o luxuriante por assumir uma postura antagonista ao Cristianismo da revelação divina. Hipnotizado pelo esquema evolucionário de Darwin e encantado com os produtos da tecnologia científica, o homem moderno confirmou a ciência como uma deidade secularizada e curva-se perante ela numa idolatria de fetiche”.<sup>73</sup>

## A Base Para a Lógica

Nós analisamos a moralidade e a ciência, constatando que a cosmovisão ateuista não pode lhes dar um fundamento. Veremos agora a lógica. À medida que examinarmos essas diferentes áreas da experiência humana, você perceberá que os problemas são muito similares. Se você lembra da tensão racionalismo/irracionalismo que discutimos anteriormente, em adição ao que dissemos na discussão sobre moralidade e ciência, você pode quase imaginar o que tenho a dizer sobre lógica. A cosmovisão ateuista não pode justificar o emprego da lógica.

Quando examinamos e debatemos a questão da existência de Deus, estamos assumindo a existência das leis da lógica, e também que elas são abstratas, universais e invariáveis.<sup>74</sup> Por *abstratas*, quero dizer que elas expressam “uma qualidade ou característica aparte de qualquer ocorrência ou objeto específico”, como “*justiça, pobreza e velocidade*”.<sup>75</sup> Por *universais*, quero dizer que elas são aplicadas em todo lugar e em todo e qualquer caso. E por *invariáveis*, quero dizer que elas são constantes. Elas não mudam. Ambos assumimos que tal é o caso. Do contrário um de nós poderia se comprometer com a auto-contradição. Mas, porque ambos assumimos que as leis da lógica são universais e invariáveis, você espera que eu dê bons argumentos para a existência de Deus. Se eu desse um argumento falacioso, você imediatamente pediria explicações. Eu faria o mesmo com o seu argumento para a não-existência de Deus. Se pode ser demonstrado que o seu argumento é falacioso, imediatamente pedirei explicações. Se isso não fosse verdade, se não estivéssemos ambos assumindo que as leis da lógica são abstratas, universais e invariáveis, a nossa discussão seria inútil. Sem pressupor essas coisas, a razão em si mesma não teria fundamento.

Agora, como o ateu justifica as leis da lógica? Como eu tenho dito anteriormente, o ateu materialista alega que tudo é matéria em movimento. Que o universo é randômico, não sujeito a uma ordem pessoal, vindo à existência pelo acaso. Tudo o que existe no

<sup>72</sup> A única exceção seriam os casos em que Deus opera um milagre. Neste caso Deus suspende temporariamente o modo regular que Ele governa o universo. Mas isso não muda o fato que nós podemos ainda contar com a regularidade da natureza. Quando o evento miraculoso chega ao fim, Deus sempre retorna o Seu modo natural de governo de todas as coisas. Tudo está debaixo do seu controle. Não há leis impessoais.

<sup>73</sup> Greg Bahnsen, *Revelation, Speculation and Science*, [www.cmfnow.com/articles/pa001.htm](http://www.cmfnow.com/articles/pa001.htm)

<sup>74</sup> *The Great Debate: Does God Exist?* Greg Bahnsen vs. Gordon Stein, [www.cmfnow.com](http://www.cmfnow.com)

<sup>75</sup> Random House Webster's Unabridged Dictionary.



universo pode ser reduzido à matéria em movimento. O mundo constitui-se unicamente de substâncias materiais. Segundo essa visão, como pode alguém justificar as leis da lógica? Como pode o ateu justificar qualquer lei universal e abstrata? Esse é um problema crucial para a sua cosmovisão porque as leis não são físicas. Elas não podem ser fisicamente examinadas. Com isso quer-se dizer que a crença que as leis podem ser reduzidas à matéria é uma suposição que não pode ser demonstrada empiricamente. Por ora, o ateu precisa aceitar isso pela fé. Ele não tem um motivo racional para crer que leis abstratas e universais podem ser reduzidas à matéria. O ateu sustenta a sua crença, que as leis são em último caso reduzíveis à matéria, sem ser capaz de provar isso. Note as pressuposições baseadas na fé!

76

Alguns ateus dizem que as leis da lógica são simples convenções humanas.<sup>77</sup> No entanto, isso levaria à possibilidade de absurdos. Se as leis da lógica fossem simples convenções humanas e se eu fosse capaz de fazer com que a maioria das pessoas aceitasse auto-contradições como válidas, absurdos seriam necessariamente possíveis. É isso mesmo o que pensamos das leis da lógica? A rejeição da lei da não-contradição seria garantida se pudéssemos simplesmente reunir número suficiente de pessoas discordantes? Mesmo se a maior parte das pessoas no mundo discordasse dela, essa discordância estaria pressupondo a lei da não-contradição. O problema com a visão segundo a qual as leis da lógica são meras convenções é que na vida real nem o cristão nem o ateu agem como se isso fosse possível. Assim como agimos não apenas como se a moralidade fosse uma convenção, também agimos não apenas como se as leis da lógica fossem meras convenções. Quando olhamos para a história, por que impomos sobre ela as leis da lógica e da moralidade? Se fossem convenções, não poderíamos fazer julgamentos sobre eventos históricos, já que pessoas poderiam ter aderido a diferentes convenções. Além do mais, quando é que a raça humana chegou ao consenso de decidir a favor das leis da lógica? Quando é que a raça humana sentou e concordou acerca dessas convenções? A resposta é que isso nunca aconteceu.<sup>78</sup>

Há sérios problemas em se dizer que as leis da lógica são simples convenções.<sup>79</sup> Assim, o ateu precisa dizer que as leis da lógica são auto-comprobatórias e inerentes ao

<sup>76</sup> “Finalmente, porque os princípios da lógica são abstratos e universais, não podem ser submetidos à experimentação para confirmação da sua veracidade. Assim, coisas tais como a lei da não-contradição são simples induções sobejamente confirmadas. Não apenas há algumas leis da lógica muito complexas para ser examinadas, mas também essa visão faria a lógica contingente, pois existiria sempre a possibilidade de observações futuras rejeitarem a lei. Mas se a lógica é contingente, então, como ressaltou o Dr. Martin, absurdos se tornariam possíveis. Empréstimo seu exemplo, a Nova Zelândia poderia ser e não ser o sul da China”. Michael Butler, *TAG vs. TANG*.

<sup>77</sup> “Elas são combinadas entre os seres humanos. Elas não são leis que existem fora da natureza... São convenções; mas convenções auto-comprobatórias... São leis do pensamento interpretadas e promulgadas pelo homem”. Dr. Gordon Stein, *The Great Debate: Does God Exist?* Greg Bahnsen vs. Gordon Stein, GB433.mp3 (38:16-41:20), [www.cmfnow.com](http://www.cmfnow.com)

<sup>78</sup> “Se a evolução procede, isso significa que não há Deus. E já que o Sr. Tabash crê que a evolução é verdadeira, o que você tem é a raça humana, e tudo o mais no mundo, evoluindo no decorrer de um longo período de tempo. Vejamos agora, quando foi que todos eles, os homens, decidiram sentar e imaginar como deveríamos racionar? A resposta é nunca”. Gene Cook Jr., *The Debate*, Gene Cook Jr. vs. Ed Tabash, sermonaudio.com, 32802125241.

<sup>79</sup> “O dr. Stein mencionou ligações lógicas e auto-contradições lógicas. Ele alega defender que as leis da lógica são universais; mas, no entanto, que elas são convencionais em essência. Isso de fato não é filosoficamente aceitável. Se as leis da lógica são convencionais em essência, poderíamos ter diferentes sociedades usando diferentes leis da lógica. Em algumas sociedades seria apropriado dizer Meu carro está na área de estacionamento; e Meu carro não está na área de estacionamento. Isto é, certas sociedades teriam a convenção de dizer Vá em frente e se contradiga”. Greg Bahnsen, *The Great Debate: Does God Exist?* Greg Bahnsen vs. Gordon Stein, GB433.mp3 (48:50-53:30), [www.cmfnow.com](http://www.cmfnow.com)

universo físico.<sup>80</sup> O problema é que se trata apenas de uma suposição. Onde está a prova? Segundo o ateu, o universo veio à existência pelo acaso. Por que deveríamos assumir que o universo continuará se comportando com uniformidade? Mesmo se uma lei da lógica pudesse ser confirmada numa situação, por que ela é aplicada em outros casos que ainda não foram testados? Uma vez que não há um controle pessoal num universo ateu, é irracional assumir que ele será repetitivo. Se esse é um universo de acaso, por que generalizamos essas experiências ou observações?<sup>81</sup> Simplesmente dizer que tem sido assim no passado é argumentar em círculos. Eu estou perguntando por que o ateu assume que as coisas serão assim também no futuro. Leis abstratas não são redutíveis à matéria, pois não podem ser fisicamente examinadas. Uma lei abstrata é algo que expressa uma qualidade ou característica aparte de qualquer objeto ou exemplos específicos.

Novamente, a cosmovisão ateuista não pode dar conta das suposições básicas da experiência humana. Esse é o problema interno básico inerente à filosofia incrédula. A cosmovisão ateuista não pode justificar a existência das leis da lógica. No que consistem as leis da lógica e como são justificadas? Estas questões não podem ser consistentemente respondidas por uma cosmovisão ateuista e materialista.<sup>82</sup> O ateu precisa abandonar a sua racionalidade para dar conta das leis da lógica. Ele precisa fazer o que ele não reconhece. A cosmovisão cristã, por outro lado, tem uma resposta.<sup>83</sup> A filosofia cristã de vida é internamente consistente. A posição cristã possibilita leis universais e abstratas, pois ensina que há mais neste universo do que matéria em movimento. As leis da lógica podem ser abstratas, universais e invariáveis porque estão baseadas na personalidade de Deus, que é eterno, infinito e imutável. Deus criou este mundo, e as leis da lógica refletem Seu pensamento.<sup>84</sup> As leis da lógica não estão acima de Deus. Deus é lógico por natureza, e Ele não pode negar a si mesmo. Seu pensamento é o padrão absoluto.

## Conclusão

O universo ateuista falha em dar um fundamento a três das mais importantes questões filosóficas; moralidade, ciência e lógica. Assim, posso reiterar o que foi dito anteriormente em nossa discussão. ***Há prova para a existência de Deus, e a prova é que sem a existência de Deus você seria incapaz de provar qualquer coisa.*** Eu não estou dizendo que os ateus são incapazes de provar qualquer coisa. O que estou dizendo é que se os ateus fossem consistentes com a sua cosmovisão, com o seu princípio básico da independência de Deus,

<sup>80</sup> “As leis da lógica procedem das leis físicas do universo, e vêm formar o nosso senso evoluído... Elas estão aqui devido ao próprio desenvolvimento do universo físico”. Ed Tabash, *Does God Exist? The Debate*, Gene Cook Jr. vs. Ed Tabash, sermonaudio.com, 32802125241.

<sup>81</sup> “A partir das suposições do homem natural a lógica é um princípio impessoal eterno, e os fatos são controlados pelo acaso. É por meio de princípios lógicos eternos e universais que o homem natural precisa fazer, com base na sua suposição, asserções inteligíveis sobre o mundo da realidade ou do acaso. Mas isso não pode ser feito sem cair na auto-contradição. Nenhuma forma de asserção pode ser feita acerca do acaso. Ela é irracional em sua própria idéia”. Cornelius Van Til, *The Defense of the Faith*, P&R, pg. 126, 127.

<sup>82</sup> “Assim, a cosmovisão ateuista não concorda com os princípios da lógica. Se os ateus fossem consistentes com sua cosmovisão, renunciariam de todo à lógica e à racionalidade. Mas uma vez que se comportam racionalmente (pelo menos em alguma medida) fica evidente que estão emprestando valores de outra cosmovisão”. Michael Butler, *TAG vs. TANG*.

<sup>83</sup> “Pode-se demonstrar que o Cristianismo não é ‘apenas tão bom quanto’ ou mesmo ‘melhor que’ a posição não-cristã, mas a *única* posição que não faz bobagem da experiência humana”. Cornelius Van Til, *A Christian Theory of Knowledge*, P&R, pg. 19.

<sup>84</sup> “Não há leis da lógica acima dele, a partir das quais ele precise mensurar a sua própria consistência interna. Esse Deus da Bíblia é, portanto, o ponto de referência final para as asserções das suas criaturas racionais”. Cornelius Van Til, *A Christian Theory of Knowledge*, P&R, pg. 41.

seriam incapazes de provar qualquer coisa. Eu *não* estou dizendo que os ateus não apelam a padrões morais; eu *não* estou dizendo que eles não se envolvem com a ciência; e não estou dizendo que eles não empregam a lógica. Eles fazem essas coisas a *todo* o momento. É precisamente porque o mundo não é o que os ateus dizem ser que eles podem fazer essas coisas. Porque os ateus são feitos à imagem de Deus e realmente vivem no mundo de Deus, precisam fazer essas coisas. Porque Deus criou o mundo e continua a governá-lo, podemos ter uma moralidade objetiva, um compromisso com o estudo científico e também usar as leis da lógica.

Há outras questões que eu gostaria de tratar com você. Eu gostaria de falar sobre uma questão filosófica básica que tem sido chamada de o problema *do um e dos múltiplos*.<sup>85</sup> Eu gostaria de mostrar a você que todas as cosmovisões não-cristãs não têm uma resposta a essa questão filosófica básica.<sup>86</sup> Em adição ao que já foi dito acerca de todas as cosmovisões não-cristãs, eu gostaria de discutir alguns dos problemas com a teoria filosófica da evolução. Há sérios problemas com a evolução que são ignorados por aqueles que obstinadamente (pela fé) a defendem. Mesmo quando expostos os problemas sérios da teoria da evolução, muitos se negam a abandonar essa teoria filosófica.<sup>87</sup> Algo do que eu já disse sobre a moralidade, ciência e lógica precisa ser considerado em mais detalhes. Outras versões não-cristãs de teísmo precisam ser remetidas e refutadas. Haveria muito mais coisas que poderíamos discutir. Mas como estamos correndo contra o tempo, talvez possamos continuar a debater esses aspectos na próxima vez em que nos encontrarmos. Por enquanto, você pediu de mim uma exposição resumida da mensagem contida na Bíblia. Fico feliz em fazer isso. Começemos do início.

A Bíblia começa com a história da criação. Ela dá um relato simples e não-técnico de Deus criando o universo, e assim mesmo uma criança jovem é capaz de entendê-lo. É assumido no primeiro versículo da Bíblia que Deus é eterno. Ele não está sujeito ao tempo.<sup>88</sup> A bem da verdade, o tempo em si faz parte da criação.<sup>89</sup> Deus criou tudo o que existe no universo a partir do nada. Ele não agiu sobre matéria pré-existente. Pela voz da Sua

---

<sup>85</sup> “O *um* e os *múltiplos* é talvez a questão fundamental da filosofia. É a unidade ou a pluralidade, o um ou os múltiplos, o fato básico da vida, a verdade última sobre o ser? Se a unidade é a realidade e a natureza básica dessa realidade, então a unicidade e a unidade precisam ter prioridade sobre o individualismo, os particulares, ou os múltiplos. Se os múltiplos, ou pluralidade, é que descreve melhor a realidade última, a unidade não pode ter prioridade sobre os múltiplos; assim, o estado, a igreja ou a sociedade são subordinados à vontade dos cidadãos, do crente e do homem em particular. Se o *um* é último, os indivíduos são sacrificados em favor do grupo”. Rousas John Rushdoony, *The One and the Many*, Thoburn, pg. 02.

<sup>86</sup> “No Cristianismo ortodoxo trinitariano, o problema do um e dos múltiplos é resolvido. Unidade e pluralidade são igualmente últimas na divindade. A unidade e a pluralidade temporais estão sobre um princípio fundamental de igual validade. Assim, não há conflito básico entre pessoa e comunidade”. Rousas John Rushdoony, *The One and the Many*, Thoburn, pg. 16.

<sup>87</sup> Veja o ensaio de Greg Bahnsen, *Is Evolution Scientific?* Fita 1 de 2, GB1049.mp3, cmfnw.com

<sup>88</sup> “Assim que chegamos ao atributo da eternidade, somos confrontados com um mistério profundo e inescrutável. A nossa dificuldade aqui reside no fato que nós, sendo criaturas limitadas e temporais, simplesmente não podemos pensar em termos de eternidade. Somos exortados a reconhecer a eternidade de Deus e, no entanto, somos incapazes de compreender seu significado, pois todas as nossas categorias são temporais. Nós podemos estabelecer algumas coisas que não correspondem à eternidade, e assim nos precaver de erros que os homens têm cometido quando da sua definição”. M.H. Smith, *Systematic Theology*, Vol. 1, pg. 133 (ed. eletrônica) Greenville Presbyterian Theological Seminary Press: Greenville SC.

<sup>89</sup> “Tanto Gênesis 1:1 como João 1:1 falam da criação como tendo ocorrido no início de tudo. O tempo não existia quando Deus criou o mundo. O tempo iniciou com a criação”. *ibid.*, pg. 192.

Palavra, ele trouxe toda a matéria à existência.<sup>90</sup> A história da criação nos ensina que somente Deus é independente. A criação é dependente do Seu criador tanto para a sua existência quanto para a sua manutenção.<sup>91</sup> A Bíblia ensina que esse Deus, o criador do universo, é triúno – três em um, constituindo uma trindade na unidade. Isso significa que muito embora haja apenas um Deus, há três Pessoas que são plenamente Deus. Não há três deuses, mas um Deus Triúno. Teólogos têm formas superficiais e diferentes de explicar isso, mas nenhuma dessas explicações remove plenamente o componente de mistério implicado em tal doutrina. Eles usualmente dizem que Deus é um em natureza e três em pessoa. Isso não responde plenamente todas as questões que alguém possa ter. Imediatamente temos um problema, pois não temos uma analogia direta na experiência humana. Como podemos testar essa reivindicação? Certamente que se esse tipo de Deus existe, a única forma que criaturas finitas podem conhecê-Lo é pela Sua revelação a elas.<sup>92</sup> Ele precisa se revelar a nós se é o caso de o conhecermos de fato. E a Sua revelação precisa ser auto-comprobatória, pois não há autoridade mais alta que Ele. Deus é a autoridade absoluta.

Eu não estou dizendo que Deus é três e também um no mesmo sentido, mas que o que a Bíblia ensina é que em Deus *unidade* e *pluralidade* são igualmente últimas. Isso não é plenamente penetrável pela lógica humana porque Deus não nos revelou isso exaustivamente.<sup>93</sup> O que é paradoxal a nós não é para Deus. É impossível a criaturas finitas compreender plenamente o Deus infinito.<sup>94</sup> Porque Deus conhece exaustivamente a sua própria natureza, e porque Ele nos revelou fatos verdadeiros da Sua natureza, podemos conhecê-los verdadeiramente mesmo não podendo compreendê-los exaustivamente. Assim, a reivindicação de que Deus é triúno precisa ser assumida sobre a autoridade da Sua Palavra.

Deus criou o homem como o pináculo da Sua criação. O homem foi feito à imagem de Deus para governar a criação debaixo da autoridade de Deus. O homem foi constituído criatura volitiva, responsável e dependente de Deus, que haveria de viver numa

---

<sup>90</sup> “Nas Escrituras não faltam passagens ensinando de forma explícita que Deus produziu todo o universo a partir do nada mediante a Sua capacidade onipotente; i.e., que a sua primeira obra de criação não consistiu simplesmente de uma modelação da matéria pré-existente, mas de trazer todas as coisas, exceto a Sua própria pessoa, da não-existência a existência”. R.L. Dabney, *Systematic Theology*, pg. 280 (ed. eletrônica baseada na Banner of Truth 1985 ed.) Christian Classics Foundation: Simpsonville SC, pg. 280.

<sup>91</sup> “A visão bíblica da providência é que Deus não deixou a sua criação sozinha, mas que continua a preservá-la e sustentá-la, e também a governar e controlar tudo o que toma lugar nela”. M.H. Smith, *Systematic Theology*, Vol. 1, pg. 209.

<sup>92</sup> “É impossível chegar à noção de um Deus como esse pela especulação aparte das Escrituras. Isso nunca foi feito e é inerentemente impossível. Um Deus como esse *precisa* se identificar. Um Deus como esse, e somente como esse, identifica todos os fatos do universo”. Cornelius Van Til, *A Christian Theory of Knowledge*, P&R, pg. 28.

<sup>93</sup> “Nós admitimos livremente que é um mistério inescrutável como essas coisas podem ser verdadeiras. Se elas também envolvessem necessariamente uma auto-contradição, deveríamos igualmente admitir que o entendimento seria incapaz de alcançá-las. Mas nós não mantemos que as pessoas são três no mesmo sentido em que são uma. Se inquirido qual é o significado preciso da expressão, pessoa na divindade? Nós responderíamos francamente que sabemos apenas em parte”. R.L. Dabney, *Systematic Theology*, pg. 210.

<sup>94</sup> “O ponto está além do fato do homem, enquanto finito, não poder entender Deus, seu arquiteto, exaustivamente. Assim como ele não pode compreender Deus exaustivamente, não pode compreender exaustivamente qualquer coisa relacionada a Deus, pois para tal teríamos de penetrar sua relação com Deus, e para penetrar nessa relação teríamos de compreender Deus exaustivamente”. Cornelius Van Til, *A Christian Theory of Knowledge*, P&R, pg. 36.

relação pactual com Ele.<sup>95</sup> Essa relação tinha em vista espelhar, num nível finito, a relação trinitariana eterna entre as Pessoas da divindade.<sup>96</sup> Porque o homem foi feito à imagem de Deus, ele foi Deus num certo sentido, embora *apenas* num nível finito. Houve sempre uma distinção entre o Criador e a criatura.<sup>97</sup> Houve atributos que Deus comunicou (ou compartilhou) ao homem, mas também houve atributos que Deus não comunicou ao homem. Que o homem é imagem de Deus é o fundamento da dignidade humana. Isso confere valor à vida humana. O homem é mantido à parte do restante da criação porque ele somente é feito à imagem do Criador.

Porque o homem foi criado por Deus e também numa relação pactual com Ele, ele deve obediência ao seu criador. Deus criou o homem bom. Embora sendo uma criatura finita, sua condição de criatura não era imperfeita. O propósito do homem era de servir e glorificar a Deus e governar a criação debaixo de Deus. Mas ao invés disso, o homem se rebelou contra Deus. A criatura foi obrigada a obedecer a Deus e a confiar em Sua Palavra. Mas o homem tentou pôr a si mesmo na posição de julgar independentemente se a Palavra de Deus era ou não verdadeira. Ao invés de viver dependendo da revelação de Deus, o homem buscou viver independentemente dEle.<sup>98</sup> O homem buscou alçar a si mesmo à condição de referencial último de interpretação. Essa rebelião ética a Deus teve conseqüências. A relação pactual entre Deus e o homem foi destruída e a penalidade para isso foi física, espiritual; a morte eterna. Deus testou a obediência de Adão e considerou-o representativo de toda a raça humana. Porque Adão representou a nós todos quando ele desobedeceu a Deus, somos todos por natureza eticamente alienados de Deus. Somos todos pecadores. Quebramos a Lei de Deus.

Essa é a situação em que você se encontra hoje. Porque você é um pecador por natureza, colocou a si mesmo na condição de independência de Deus. Você, junto do seu pai Adão, declararam independência do Criador. Mas ninguém é realmente independente de Deus. Você vive no mundo de Deus e é Sua criatura, ainda que tente viver como se fosse independente. Num certo sentido você conhece Deus. Você sabe que há um Deus e que é Sua criatura,<sup>99</sup> mas suprime esse conhecimento de Deus pela iniquidade.<sup>100</sup> Porque

<sup>95</sup> “Uma vez que o homem é imagem do Deus pessoal e vivo, que é em Sua essência um ser moral, o homem deve ser uma criatura pessoal e moral. A personalidade implica racionalidade e livre agência, ou poder de autodeterminação. Enquanto criatura racional, com esse poder de autodeterminação, o homem é responsável perante o seu arquiteto por todos os seus atos. Portanto, ele é um agente moral”. M.H. Smith, *Systematic Theology*, Vol. 1, pg. 240.

<sup>96</sup> “Deus é um Deus de amor porque ele é um Deus pactual em que três pessoas são comprometidas umas com as outras num amor absoluto. Quando Deus criou o homem a Sua própria imagem, não criou um simples homem cuja definição devesse ser encontrada pela autocontemplação. Ele criou homem e mulher para amarem um ao outro. Seu amor conjugal tem em vista refletir o pacto do amor de Deus”. Ralph Smith, *Eternal Covenant: How the Trinity Reshapes Covenant Theology*, Canon Press, pg. 74.

<sup>97</sup> “Como uma conseqüência da obra criativa de Deus, existe agora uma realidade criada distinta do Ser de Deus. Por sua natureza, enquanto criada, ela é dependente do Criador, que a fez, e que agora a sustenta e mantém. Somente Deus é independente e auto-contido. O universo e tudo o que há nele é dependente e derivado de Deus”. M.H. Smith, *Systematic Theology*, Vol. 1, pg. 194.

<sup>98</sup> “Aqui então está o cerne da questão: pela queda de Adão o homem colocou a si mesmo aparte da lei do seu Criador e com isso tornou-se lei para si mesmo. Ele será sujeito a ninguém outro que não ele mesmo. Ele busca ser autônomo”. Cornelius Van Til, *A Christian Theory of Knowledge*, P&R, pg. 42.

<sup>99</sup> “Existe dentro da mente humana, e é de fato um instinto natural, uma consciência da divindade... Para impedir qualquer pessoa de buscar refúgio no pretexto da ignorância, Deus implantou em todos os homens certo entendimento da Sua majestade divina. Sempre renovando sua memória, Ele repetidamente derrama doses renovadas. Uma vez que, portanto, todos os homens percebem que há um Deus e que Ele é seu arquiteto, são condenados pelo seu próprio testemunho, posto terem falhado ao não honrá-Lo e consagrar suas vidas a Sua vontade”. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, Vol. 1, 3:1, Battle's Translation (1960), AGES Software, pg. 88.

você peca em demérito de um conhecimento melhor, é responsável. Porque Deus é santo e justo, precisa punir a rebelião. Sendo o Juiz reto, precisa conduzir a justiça contra um criminoso cósmico como você. Quando eu lhe falo nesses termos, não estou exaltando a minha pessoa. Eu também participei dessa rebelião a Deus. Adão representou também a mim no primeiro pecado. O que eu tenho, recebi pela graça somente.<sup>101</sup> Eu não era espiritual o suficiente para imaginar essas coisas. Deus precisou soberanamente mudar o meu coração rebelde. Eu também continuaria a declarar a minha independência de Deus, não tivesse Ele, pela graça, assistido. Eu também continuaria a agir como um rebelde supostamente autônomo.<sup>102</sup>

Em sua graça, Deus proveu um meio para que fosse resolvida a alienação entre ele e o homem. Ele proveu um meio para a Sua justiça e santidade serem satisfeitas. O homem não pode remediar a situação, e não pode restaurar apropriadamente a sua vida para fazer as pazes com Deus. O homem merece tão-somente a ira e a maldição divinas. Mas Deus arquitetou a redenção. Enviou um redentor na pessoa do Seu Filho. A Segunda Pessoa da Trindade, o Filho de Deus, assumiu uma natureza humana. Tornou-se o Mediador entre Deus e o homem. Jesus Cristo é plenamente Deus e plenamente homem – uma pessoa com duas naturezas. Como pode uma pessoa ter duas naturezas? Novamente, uma doutrina como essa precisa ser revelada ao homem, pois não é penetrável pela lógica humana. Por causa dessa união de duas naturezas numa só pessoa, Jesus Cristo foi capaz de reconciliar Deus com o homem. Ele proveu a expiação que satisfaz a justiça e a ira de Deus contra o pecado do homem. A Bíblia inteira é de fato a história sobre esse Redentor. Deus expo gradualmente seu plano de redenção na história, e a Bíblia é a história desse plano de redenção.<sup>103</sup>

O que aconteceu na cruz? Jesus Cristo foi à cruz para carregar sobre si os pecados de pessoas como você e eu. A justiça divina exigiu uma penalidade pelo pecado, e o

---

<sup>100</sup> “De acordo com Romanos 1:19-21, todas as pessoas conhecem Deus, estando rodeadas da Sua revelação. Se elas O confessam ou não plenamente, ou processam ou não essa informação corretamente, toda pessoa é consciente de Deus pela própria virtude do ser humano... Esse aspecto é sem dúvida controverso. Ele é estabelecido de forma grosseira pela Bíblia, sem qualquer explicação, e o conhecimento de Deus não é prontamente aparente nos incrédulos – tendo em vista um fator de complicação. Embora seja absolutamente verdade que os seres humanos *têm* a revelação de Deus, não sucede daí que eles *processam* isso corretamente... O que Paulo literalmente diz é que nós suprimimos a verdade, “refreando-a” pela iniquidade. O termo grego significa algo como “pôr na prisão”. Isto é, ao deixarmos de ser gratos a Deus, colocamos a verdade atrás das grades” William Edgar, *Reasons of the Heart: Rediscovering Christian Persuasion*, P&R, pg. 52.

<sup>101</sup> “O cristão sabe a verdade sobre o não-cristão. Ele sabe disso porque é o que é somente pela graça. Ele foi salvo da cegueira da mente e da dureza do coração que distinguem o “homem natural”. O cristão tem o “livro do médico”. As Escrituras comunicam-lhe sobre a origem e a natureza do pecado. O homem está morto em ofensas e pecados (Efésios 2:1). Ele odeia a Deus. Sua incapacidade de ver os fatos tais como se apresentam e de raciocinar apropriadamente sobre eles, é, no fundo, uma questão de pecado... Os crentes em si mesmos não escolheram a posição cristã por serem mais sábios do que as demais pessoas. O que eles têm, têm pela graça somente”. Cornelius Van Til, *A Christian Theory of Knowledge*, P&R, pg. 18, 43.

<sup>102</sup> “O homem natural virtualmente atribui a si mesmo aquilo que uma teologia genuinamente cristã atribui ao Deus independente. A batalha é, portanto, entre a plenitude independente do Deus do Cristianismo e a suposta autonomia da independência da mente do homem natural”. Cornelius Van Til, *The Defense of the Faith*, P&R, pg. 148.

<sup>103</sup> Essa história revela que Deus subordinou a natureza e controlou a história para enviar o Seu Filho para resgatar homens e mulheres rebeldes, tolos e egocêntricos. Ele os libertou da escravidão da sua própria natureza, capacitando-os a viver para a Sua glória, e abençoando-os com uma eternidade na Sua presença, muito além da dura realidade da Queda”. Paul David Tripp, *Instruments in the Redeemer's Hands: People in Need of Change Helping People in Need of Change*, P&R, pg. 27.

homem não poderia pagá-la. Jesus Cristo, sendo o Filho de Deus, assumiu uma natureza humana e viveu uma vida de perfeita obediência a Deus. Ele cumpriu as tarefas que o primeiro Adão fracassou em cumprir. Cristo tornou-se o “segundo Adão”, o representante de uma nova e redimida humanidade. Quando Cristo morreu sobre a cruz, sofreu a penalidade do pecado por aqueles que iriam crer nEle. Ele satisfaz a ira e a justiça de Deus. Ele comprou a redenção para aqueles que eram escravos do pecado. Ele não apenas morreu, mas também levantou dos mortos. A morte não poderia manter o seu jugo sobre Ele. Sua ressurreição foi uma demonstração de que a justiça e a ira de Deus haviam sido satisfeitas.<sup>104</sup> É pela fé na pessoa e na obra de Cristo que pecadores rebeldes como você e eu podem ser salvos da ira de Deus. As boas novas do evangelho devem ser proclamadas a todos os homens, e você não é exceção. A oferta gratuita do evangelho é para você. Deus oferece a você o perdão dos seus pecados, a reconciliação com Ele e a vida eterna, se você se voltar em arrependimento da sua rebelião e confiar na pessoa e na obra do Seu Filho. Deus é gracioso a você pelo fato de ter retardado o seu julgamento. Ele é gracioso a você pelo fato de você ter tido agora a oportunidade de ouvir a Sua oferta graciosa do evangelho. Não continue em rebelião desafiadora contra Ele. Procure o perdão e a graça que você necessita no Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, que é o único salvador de pecadores.

---

<sup>104</sup> “A ressurreição de Cristo foi a declaração *de facto* de Deus em relação a Ele [Cristo] ser justo. Sua vivificação traz em si o testemunho da Sua justificação. Deus, suspendendo as forças da morte operando sobre Ele, declarou que o efeito último e supremo do pecado havia chegado ao seu final. Em outras palavras, a ressurreição havia anulado a sentença da condenação... Vos, *Eschatology*, p. 151; cf. “*Eschatology and the Spirit*,” p. 236”. Citado em Richard B. Gaffin, Jr., *Resurrection and Redemption: A Study in Paul’s Soteriology*, P&R, pg. 122.